



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **AMÉRICA: UNIDADE NA DIVERSIDADE – A UTOPIA DE PAULO FREIRE E PETER MCLAREN<sup>1</sup>**

**Vera Maria Patriani M. GOZZO**  
Professora da FACOM – FIAM,

**RESUMO** - *A comunicação pretende fazer uma exposição da tese-manifesto do cinema épico-didático. "A Revolução é uma eztetyka" (1967), de Glauber Rocha e uma análise de America Nuestra, roteiro cujos apontamentos, ainda que não tenha se materializado em filme, tornam-se passíveis de serem re-constituídos enquanto registro histórico e artístico de uma época, no limite entre o ápice e o declínio da utopia transformadora dos anos 60 e 70. A ficcionalização com personagens históricos emblemáticos, de Bolívar à Guevara, como conquistadores, populações ameríndias e caudilhos, ganha corpo como "ato de fabulação" que pretende contribuir na tarefa da reinvenção do povo que falta. Já História do Brasil, aventura-se na crônica totalizante, apontando as contradições históricas, religiosas e econômico-sociais da formação dos países do continente latino-americano. Ao som de ópera e do hino nacional, o diretor mixa imagens de pacientes abandonados em leitos de hospital (captadas em Maranhão 66), uma grande missa com manifestações de curas e milagres ao ar livre. Nesta mesma seqüência há uma "ópera-ballet futebolística", na qual os dribles de Pelé e as manifestações da torcida no estádio culminam com imagens de um vulcão em erupção.*

**Palavras-chave:** .

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Colóquio Interamericano de Ciências da Comunicação: Brasil - Canada, evento componente do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Os estudos sobre os fenômenos da comunicação na América Latina, segundo José Marques de Melo, só adquirem fisionomia própria no século XX. Até o final da década de 60, segundo este cientista, “predominaram os estudos de morfologia e conteúdo de imprensa, as análises de audiência ou dos efeitos sociais da mídia, assim também os diagnósticos sociográficos ou deontológicos. Concomitante a essa corrente funcionalista, disseminaram-se outras tendências epistemológicas: a teoria crítica frankfurtiana, o estruturalismo francês, a semiótica peirceana, as doutrinas marxistas e a teologia da libertação”.<sup>21</sup>

Todavia, pesquisadores preocupados com a insuficiência de tais axiomas para a aplicabilidade na América Latina, devido sua imbricação com os sistemas sociais em que foram gerados, reformulam princípios funcionalistas e prefaciam variáveis conjunturais, tanto para possibilitar a remodelação dos desacertos nas estruturas de informação, quanto para esclarecer os processos de dominação cultural, contribuindo com a conscientização da inadequação dos modelos e métodos importados, pois os mesmos não respondem às exigências da realidade latino-americana, marcada por uma cultura mestiça, plural e diversificada, exigindo dos pesquisadores de comunicação social uma identidade cultural peculiar, compromissada com problemas de interesse público e da população como um todo.

A criação da ALAIC, em 1978, e a realização dos fóruns internacionais que alicerçaram o movimento de apoio às políticas democráticas de comunicação, preocupados com o resgate da memória histórica e do conhecimento do processo da comunicação, estimularam a pesquisa e a difusão do pensamento latino-americano sobre comunicação em nossas universidades, principalmente nos programas de pós-graduação.

A criação de programas avançados de ensino e pesquisa da comunicação, no universo das universidades, ancorou uma produção sistematizada e analítica que forneceu publicações periódicas reunidas pela Rede Iberoamericana de Revistas de

---

<sup>2</sup> José Marques de Melo. *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-americanos*. São Paulo, Editora Vozes, 1998, p.130.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Comunicación y Cultura, coincidindo com o início da interação entre estudiosos ibéricos da América e da Europa. O maior desafio foi incentivar o trabalho cooperativo numa comunidade dispersa, mas disposta e comprometida, em sua tradição cultural, a uma pesquisa conjunta e participativa. Assim sendo, a promoção de congressos, colóquios, conferências científicas das décadas de 80 e 90 do século passado permitiram que diferentes comunidades dialogassem organicamente.

Logo, emergiram pesquisadores que, avocando o pragmatismo e preservando a utopia, articularam uma postura investigativa referenciada pela contextualização histórica-política e pelas demandas do mercado. Trata-se de “um latino-americanização da pesquisa que, sem perder o rigor científico, mantém o compromisso ético de transformar a sociedade para atender o interesse público. Isso tem evitado a paralisia teórica e o engessamento metodológico a que se condicionaram segmentos da comunidade científica de países avançados, numa atitude cômoda, mas seguramente auto destrutiva”.<sup>3</sup>

Portanto, as ciências da comunicação da América Latina, sob a representação da mestiçagem e do ecletismo, transita da pesquisa denúncia para a pesquisa construtiva, interessada e comprometida com a compreensão e a possível solução de dificuldades concretas que assolam vastos contingentes da nossa sociedade, sobretudo a ignorância e a desinformação.

Mesmo sendo um campo relativamente novo na América Latina, a área da comunicação social tem sido uma das mais proveitosas em estudos e de significativo interesse acadêmico. Com a realização do I CELACOM, dedicado ao estudo do boliviano Luis Ramiro Beltrán, e do II CELACOM, dedicado ao pesquisador espanhol Jesus Martin-Barbero, o foco de atenção passa dos indivíduos para as instituições, comprovando a marca da cultura latino-americana, desde a colonização, cuja trajetória revela a primazia dos indivíduos em relação às instituições, permeando todos os campos sociais, como a cultura, a arte, a história, a educação, a religião, a economia, etc.

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 135



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Respeitando este traço cultural e procurando despertar questões a respeito da formação de identidades, ao longo dos cinco séculos de colonização nos continentes americanos, caracterizados pela diversidade própria ao desenvolvimento do Novo Mundo, optei por resgatar a contribuição de Paulo Freire e de Peter McLaren no processo de cidadania de tantos povos diferenciados.

Cidadania conquistada através de uma educação libertadora via conscientização da condição de ser mais do homem e da mulher, em seu contexto sócio-político-cultural, pois ao considerar o homem e a mulher como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, Paulo Freire o coloca em permanente movimento de busca do ser mais, através da dialogicidade, essência da educação como prática da liberdade. Educação, portanto, dialógica, fundamentada na partilha, ou seja, na interação de idéias, informações, crenças, valores, através de linguagens verbais e não-verbais, o que inclui o processo de comunicação como um processo interdependente do processo educacional.

Daí, a grande contribuição da pedagogia freireana na formação de educadores e educandos de comunicação social, pois sua teoria da ação dialógica e suas características: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural permitem tanto ao educador quanto ao educando uma visão crítica das práticas cotidianas. Práticas estas, noticiadas, mas nem sempre denunciadas e anunciadas pelos comunicadores sociais, através das organizações e meios de comunicação de massa.

Paulo Freire como educador e filósofo, ao adotar a dialogicidade como essência da educação para a liberdade, prioriza o ato comunicativo e nos convida a um adentramento no diálogo como fenômeno humano, que nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. “Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressent, imediatamente, a outra. Não há



palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.<sup>4</sup>

Diz, também, que a existência, porque humana não pode ser muda, silenciosa, nem se nutrir de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens e mulheres transformam o mundo. Mundo Novo ou Novo Mundo, América: terra das utopias, porque segundo Freire, ainda não foi descoberta, mais sim conquistada.

Em seu texto *Descobrimento da América*, redigido como resposta à “Encuesta” realizada pela Fundação de Investigações Sociais e Políticas do Centro Ecumênico de Educação Popular, Buenos Aires, sobre o V Centenário do chamado “Descobrimento da América”, Paulo Freire inicia com a afirmação de que o passado não se muda. Compreende-se, recusa-se, aceita, mas não se muda. Denuncia a presença predatória do colonizador e seu poder avassalador sobre as terras e as gentes, substituindo o ato do descobrimento por conquista. Recusa-se a encontrar positivities em um processo por natureza perverso e se indigna com a mutilação do corpo e da alma da América, cujas mazelas carregamos até hoje.

Todavia, segundo ele, a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o ser humano tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. Assim, a pedagogia é antropologia.

E, ao afirmar que “o homem é um ser de relações e não só de contatos, não está apenas no mundo, mas com o mundo”,<sup>5</sup> Paulo Freire deixa bem explícita a marca de sua pedagogia, permitindo a compreensão de sua proposta educacional fundamentada no universo da comunicação. Porém, amplia este ser-estar no mundo como um ser que “herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de

---

<sup>4</sup> Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1987, p.77.

<sup>5</sup> Paulo Freire, *Educação como Prática de Liberdade*, São Paulo, Paz e Terra, 1975, p.39.



seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura”.<sup>6</sup>

Considerando-se, porém, “que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas de linguagem e de sentido”.<sup>7</sup> Indo mais além, o homem, em sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos, desvela significações, pois é “no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens, produtos da consciência”.<sup>8</sup>

Todavia, Freire afirma que “se tivesse de falar dos principais ensinamentos que a trágica experiência colonial nos dá, eu diria que o primeiro e o mais fundamental deles é o que deve fundar a nossa decisão de recusar a expoliação, a invasão de classe também como invasores ou invadidos. É o ensinamento da inconformidade diante das injustiças, o ensinamento de que somos capazes de decidir, de mudar o mundo, de melhorá-lo. O ensinamento de que os poderosos não podem tudo; de que os frágeis podem fazer, na luta por sua libertação, de sua fraqueza a força com a qual vencem a força dos fortes. É este aprendizado que eu comemoro, e a maneira crítica, desperta, com que entendemos a presença do passado em procedimentos do presente.”<sup>9</sup>

Em seu artigo *Política Libertadora e Educação Superior: Uma perspectiva Freireana*, Peter McLaren afirma que “vivemos um tempo em que a cultura e a história dos Estados Unidos ameaçam a autonomia do espírito humano mais do que a

---

<sup>6</sup> Erich Kahler apud Paulo Freire, *opcit*, p.49.

<sup>7</sup> Lúcia Santaella. *O que é Semiótica*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p.12.

<sup>8</sup> *Ibid*, p.13.

<sup>9</sup> Paulo Freire, *Pedagogia da indignação*. São Paulo, Editora Unesp, 2000, p.75.



exercitam”,<sup>10</sup> pois os educadores e os trabalhadores culturais, que vivem na luz difusa da racionalidade, enfrentam uma crise de democracia.

Complementando, segundo Myoshi,<sup>11</sup> os imperativos democratizantes do empreendimento privado, da exploração do trabalho assalariado, do livre mercado e de outros eixos fundamentais do novo sistema mundial capitalista, trazidos pela chamada revolução da informação, prenderam os indivíduos em uma teia de lógica promocional, padronizada pelo dinamismo conquistador do eurocentrismo, tornando a colonização transnacional e corporativista.

Educadores e educandos são particularmente vulneráveis a estes tempos perigosos em que os desejos são construídos na superfície dos corpos, e o “marketing é uma ideologia totalizante que está invadindo completamente o espaço social”.<sup>12</sup> A última década testemunhou níveis de luta pelo significado e disposição da “diferença” racial e religiosa sem precedentes. Portanto, cabe a nós, orientadores de futuros formadores de opinião, enquadrarmos nossa postura, no chamamento audacioso de reexaminarmos nosso compromisso com o forjar da história, em vez de nos preocuparmos somente com sua simples representação, tradução ou interpretação. “Em um momento em que o niilismo e o desespero começam a impor sua própria inevitabilidade, é preciso construir uma contramemória, um contradiscurso, uma contra prática de libertação. É um tempo que nos chama a refletir sobre a forma como nós, na condição de trabalhadores da cultura, fomos inventados pela cultura ocidental, dentro de um processo de colonização e de formação do eurocentrismo”.<sup>13</sup>

Daí, como nos diz Paulo Freire, “a urgente necessidade de atuar sobre a realidade social para transformá-la, ação que é interação, comunicação, diálogo.

---

<sup>10</sup> Peter McLaren, *Multiculturalism Revolucionario*, Porto Alegre, ArtMed, 2000, p.53.

<sup>11</sup> Masao Myoshi. *Abordeless world? From colonialism to transnationalism and decline of the nation-state*. *Critical Inquiry*, 19, p.726, 751.

<sup>12</sup> Vanni Codeluppi, *Entrevista para a Agência Estado, publicada em 07 de maio de 2002, no jornal O Estado de São Paulo*.

<sup>13</sup> Peter Maclaren, *Opcit*



Educador e educando, os dois seres criadores libertam-se mutuamente para chegarem a ser, ambos, criadores de novas realidades”,<sup>14</sup> pois cabe ao professor e ao comunicador a tarefa de não transmitir apenas informações, mas também, ensinar saberes, porque informação é só um enunciado. Se não for contextualizada não será capaz de formar o ser humano.

Aprendemos nos livros, nos meios de comunicação, na grande mídia, nos filmes, revistas, outdoors, jornais... a idealizar algumas características humanas como as representantes legítimas e naturais do que seja ser humano. Normalmente homens, brancos, padrão euro-norteamericano de vestir e de agir. É só observarmos as grandes reuniões internacionais, o ministério dos presidentes, as comitativas de organizações internacionais. Aprendemos este preconceito relativo ao que seja um ser humano ideal e quando nos deparamos com nossos alunos reais ou abrimos mão dessa idealização ou passamos a exercer nosso racismo, machismo, feminismo; passamos a estigmatizar e inviabilizar nossa realidade.

Nos colocamos diante de uma bifurcação: hierarquizamos a realidade em relação ao ideal, negando-a, ou lutamos para romper com aquele ideal apreendido; e, com paixão pela nossa realidade concreta nos predispomos a aprender e a trabalhar com ela. Desafio árduo, duro, mas que carrega em si um alto teor de gratificação diante da vida que, como educadores e comunicadores, estamos ajudando a potencializar.

Se existe acomodação, a rotina alienante e a reprodução de desigualdades na escola e nas organizações dos meios de comunicação de massa, existe, também, um fluxo fascinante promovido pela pluralidade de vidas, interesses, desejos presentes no cotidiano escolar, nos editoriais e programações culturais da comunicação segmentada. “Tem e sempre teve muita gente querendo romper com o quadro de exclusão e legitimação da exclusão que alguns querem dar à educação e à comunicação, mas é

---

<sup>14</sup> Paulo Freire. *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação*, São Paulo, Centauro, 2001, p.25.





preciso fazer emergir histórias, história com gestos, cantos, contos e encantos de liberdade”.<sup>15</sup>

Assim, a partir de uma visão não dicotômica de comunicação-educação, evoco, neste trabalho, a denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho de Paulo Freire, centralizados em sua pedagogia crítica, prenúncio de uma Educação para a liberdade e resgatada por Peter McLaren, em sua pedagogia do dissenso para o novo milênio.

Educação vista neste trabalho, como a única e possível forma de anunciar aos educadores de comunicação social, ou seja, formadores de futuros leitores e produtores de mensagens cada vez mais ricas em formas simbólicas, de que a educação, como prática da liberdade, “é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”.<sup>16</sup> Realidade cada vez mais “virtual” justamente porque simula o mundo, representando-o através dos novos meios. Ela não se confunde com o mundo, uma vez que é auto-referente. E produzida, criada pela imaginação humana ao administrar e operar sofisticadas tecnologias da informação.

Existe um novo modo de compreender e uma nova inteligência está sendo gestada. Com a globalização, há mais contato entre as pessoas, não entre as culturas. A abertura do mundo vem se dando, antes de tudo, como um produto. A sociedade da informação é diferente da sociedade do saber. Agendar uma série de dados é fragmentar. Se a informação não for contextualizada, não será capaz de catalisar atividades conjuntas neste espaço multicultural.

O papel da comunicação, hoje, em relação à educação, pode ser extremamente enganosa, pois multiplicam-se os meios de comunicação com projetos educacionais, educação à distância, telecursos, projetos difusionistas de informação e conhecimento, muitas vezes desnecessária ou pouco operativa, pois ainda é insuficiente a integração das novas tecnologias e o processo educacional. A mídia e as tecnologias

---

<sup>15</sup> Azoilda Loretto da Trindade (org.). *Multiculturalismo mil e uma faces da Escola*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1999, p.15.

<sup>16</sup> Paulo Freire. *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação*, São Paulo, Centauro, 2001, p.25.



comunicacionais fazem parte, hoje, do ambiente, do environment. Não é mais natureza, é mídia... é tecnologia.

Logo, segundo Muniz Sodré, “a informação pode ser apenas um enfeite, um adorno, uma estratégia até de sociabilização, de administração do sujeito no espaço social, mas dali não sai nada de produtivo nem de criativo. Portanto, informar, às vezes, é simplesmente um novo meio de controlar, de gerenciar pessoas. Enquanto um processo educativo é um processo de mobilização e de dinamização da informação, com vistas a um bem que pode ser coletivo ou individual. A educação difere da informação pela radicalidade ética. Ética significa, neste caso, abrir o horizonte de realização humana. É com isso que a educação humana tem que se comprometer, é por isso que ninguém que tenha uma cabeça educacional, educativa, pode entender que possa substituir a pesquisa local, a pesquisa nacional por materiais importados”.<sup>17</sup>

Por conseguinte, como professora do Curso Superior de Comunicação Social, pude e posso conviver com educandos participantes da aldeia global preconizada por McLuhan, ou seja, uma babel sígnica, num tempo em que a história e a pré-história parecem se reproduzir através dos sistemas eletro-eletrônicos e dos novos meios, o que exige de cada um o que Paulo Freire propôs: “uma leitura de mundo que precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”,<sup>18</sup> ou seja, uma leitura de mundo que implica sempre em percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido, percepção do que é cultura, através da “palavramundo”, pois, segundo Freire, “linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.<sup>19</sup>

Peter McLaren, em *Escrevendo das Margens: Geografias de Identidade, Pedagogia e Poder*, revela que “no atual momento das práticas educacionais dominantes o excesso de linguagem chama-nos a atenção para as formas pelas quais o discurso está integralmente ligado, não apenas à proliferação de significados, mas também à

---

<sup>17</sup> Muniz Sodré. *Multiculturalismo mil e uma faces da escola*, RJ, DP&A editora, 1999, p.31.

<sup>18</sup> Paulo Freire. *A Importância do ato de ler*, São Paulo, Cortez Editora, 1998, p.11.

<sup>19</sup> *Ibid*, p.11.



produção de identidades sociais e individuais, ao longo dos tempos e em condições de desigualdade. Como questão política que é, a língua opera como um espaço de luta entre diferentes grupos, os quais, por várias razões, policiam suas fronteiras, significados e ordenamentos. Pedagogicamente, a linguagem fornece as autodefinições a partir das quais as pessoas agem, negociam as várias posições do sujeito e assumem um processo de nomear e renomear as relações entre elas próprias, os outros e o mundo. A linguagem está sendo mobilizada dentro de uma ideologia populista autoritária, que a vincula à identidade nacional, à cultura e à formação. Como máscara cultural da hegemonia, a linguagem está sendo mobilizada para policiar as fronteiras de uma divisão ideologicamente discursiva que separa os grupos dominantes dos dominados, os brancos dos negros e as escolas dos imperativos da vida pública democrática”.<sup>20</sup>

Através de uma pedagogia do dissenso para o novo milênio, McLaren, como um dos principais teóricos educacionais e críticos culturais desta geração, mostra com clareza a estreita relação entre o capitalismo avançado, a política do conhecimento e a formação da identidade. Anuncia que é preciso resgatar urgentemente a agência humana e a dignidade de um povo ultrajado, propondo a todos pensar o papel do educador.

“Como um educador crítico, estou comprometido em criar novas zonas de possibilidades em minha sala de aula, novos espaços onde se possa lutar por relações sociais democráticas e onde os estudantes possam aprender a situar-se criticamente em suas próprias identidades em meio, por exemplo, às políticas atuais de fetichismo da mercadoria produzidas pelo consumismo global, para desenvolver novas formas de agência coletiva que escapem da ilusão do sujeito revolucionário unificado”.<sup>21</sup>

Como discípulo de Paulo Freire, McLaren propõe corajoso rompimento com o individualismo na construção de uma nova realidade alicerçada no diálogo entre o eu e o outro.

---

<sup>20</sup> Peter MacLaren, p.53.

<sup>21</sup> Ibid, apresentação à edição brasileira.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Postura esta, priorizada em minha pesquisa de mestrado “Pistas e Conquistas, na travessia prática do processo de escritura”, em que proponho uma mudança de atitude tanto da instituição, quanto do professor e do aluno, no ensino de redação para comunicadores sociais.

Neste trabalho, as hipóteses surgiram da necessidade e vontade de mudar um quadro minado pelo ensino massificado e do desejo de fazer as idéias avançarem pelas dúvidas e contestações que pudessem eliminar a rotina desta atividade e a artificialidade da sala de aula.

Tentando romper com o academismo isolado, e insatisfeita com os procedimentos pedagógicos desta atividade, vislumbrei a transposição de resultados de estudos genéticos para este ensino.

E, instigada pela constatação básica da Crítica Genética de que a obra é resultado de um trabalho lento e disciplinado por parte do criador, valorizei o rascunho do aluno e seu processo de construção textual. E, através da co-participação e cooperação neste caminhar criativo, em busca de seu melhor texto, em que suas indecisões, limitações, dificuldades e conflitos em relação ao uso da linguagem verbal escrita foram colocados em discussão, reflexão e análise, no tempo e espaço da sala de aula, pude também desviá-lo da meta centralizada, apenas, na avaliação do produto final e concretizada pela nota.

Portanto, ao propor como motivação a participação e cooperação do professor num caminhar ao lado do aluno, descobrindo e delineando, interativamente, a produção, proporcionei e incentivei cada criador a encontrar um método individual e próprio de redigir. E, ambos, educador e aprendiz, seduzidos pela magia da linguagem, vão atingindo o conhecimento, através da criação.

Verifiquei, também, que os processos observados carregam em si todo o íntimo mundo da criação e as modificações foram testemunhas vivas deste misterioso universo subjetivo. E, com olhos de amorosidade freireana, sem descartar o rigor científico, tais marcas me conduziram no resgate das hesitações, opções e desacertos, não para condenar, mas para salvá-los, recriando-os.



Conscientizei-os, também, de que para se chegar a um texto aceitável, ele terá que enfrentar um lento e laborioso percurso, realizado com disciplina e dedicação, utilizando-se do rascunho como um instrumento necessário e facilitador do seu trabalho criativo.

Assim, alicerçada na pedagogia do diálogo que promove o processo de conscientização, através da ação-reflexão, vivenciei, juntamente com os alunos, uma educação para a Era das Relações, ou seja, uma proposta educacional que reflita e englobe tanto as dimensões materiais quanto afetivas da sociedade, que busque a superação de metas voltadas para a erradicação do analfabetismo, a melhoria da qualidade com equidade, a superação dos índices de evasão e repetência, mas que, simultaneamente, favoreça a busca de diferentes alternativas que ajudem as pessoas a aprender a conviver e a criar um mundo novo de paz, harmonia, solidariedade e fraternidade, promovendo a unidade na diversidade.

Porém, após o suposto fim das ideologias, decretado há mais de dez anos por alguns eufóricos, que disseram que a queda do muro de Berlim era o fim da História, confundindo o fracasso do modelo comunista soviético com o êxito definitivo do capitalismo e das leis do mercado, o que o vertiginoso século XX nos ensinou é que nenhuma utopia pode ser construída sobre o sacrifício de vidas humanas e que homens e mulheres são substancialmente diferentes entre si. Daí a concluir, segundo o editorial da revista Educação<sup>22</sup> “que o mundo em que vivemos é o melhor possível vai uma enorme distância, equivalente à que existe entre o conformismo e a indignação. A esquerda tem um problema grave, gravíssimo: não consegue transformar discursos inflamados e críticas avassaladoras em ações concretas. A direita, por sua vez, perdeu a capacidade de justificar em palavras a perversidade da realidade que ela sustenta. E o centro tem um insolúvel conflito de consciência: como ficar no meio disso tudo. Novidade, se existe, é o grau de complexidade da sociedade em que vivemos. De fato, nunca foi tão difícil separar herói de vilões, sonhos de pesadelos. Tudo indica que as convicções se tornarão esforços de pessoas perplexas, mas cheias de ímpeto e coragem”.

---

<sup>22</sup> Editorial In Revista Educação, ano 28, março de 2002, nº251, p.11.



Considero, portanto, este Colóquio Interamericano de Ciências da Comunicação: Brasil-Canadá, cujo tema central é **América, terra de utopias. Desafios da Comunicação Social**, um esforço concreto no sentido de se avançar na denúncia, anúncio e utopia de uma sociedade essencialmente democrática. E, para tal, é preciso não esquecer que a ação comunicativa envolve um processo de interação humana mediante signos organizados em mensagens, o que nos leva a perguntar: Quais suas funções e para que serve a comunicação na sociedade?

Daí, reforçarmos a afirmação de Bordenave: “Talvez a função mais básica da comunicação seja a menos freqüentemente mencionada: a de ser o elemento formador da personalidade. Sem a comunicação, de fato, o homem não pode existir como pessoa humana”.<sup>23</sup>

Ilustra seu pensamento no exemplo do menino de 12 anos, encontrado no bosque da França, totalmente nu, que vivia no mato como uma fera em 1797, e apresentado em uma jaula em Paris como o “selvagem de Eveyron”. Enfatizo, também, aqui, para reforçar o pensamento de Bordenave, a figura de Helen Keller. Desprovida da visão e da audição, ela apresenta o tato, a frustração e o desespero inerentes ao desejo de comunicar-se e à incapacidade de fazê-lo.

No entanto, o domínio de uma forma e/ou instrumento-meio de comunicação pelo qual se pode realizar uma interação produz uma satisfação eufórica e única, juntamente com o estímulo dos sentidos e a busca cada vez mais aguçada de cada experiência nova.

Assim, é de vital importância para o organismo humano o contato imediato com outros: daí o ardente desejo de busca comunicativa como recurso necessário na adaptação do indivíduo ao meio em que vive. Através da comunicação, o ser humano controla as maneiras de satisfazer suas necessidades básicas, de participação social e de auto-realização.

---

<sup>23</sup> Juan E. D. Bordenave. *Além dos meios e mensagens*, Petrópolis, Vozes, 2001, p.29.



Neste sentido, é imprescindível reconhecer a importância da linguagem e a ampliação e desenvolvimento de seu estudo para maior conhecimento e compreensão do processo de comunicação, que neste milênio, se apresenta como um sistema global, envolvendo um processo complexo e interdependente de trocas de formas simbólicas, através de novos meios técnicos.

Portanto, tal panorama, nos desafia a mergulharmos na leitura e no estudo de uma variedade enorme de linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação de mundo, pois linguagem, sob o ponto de vista da semiótica peirceana, refere-se a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, todos os sistemas de produção de sentido.

Como teoria científica, a Semiótica de Charles S. Peirce criou conceitos e dispositivos de indagação que nos permitem descrever, analisar e interpretar linguagens. Como tal, “os conceitos são instrumentos para o pensamento, lentes para o olhar, amplificadores para a escuta. Portanto, não podem, por si mesmos, substituir a atividade de leitura e desvendamento da realidade. São instrumentos que, quando seriamente decifrados e eficazmente empregados, nos auxiliam nesta atividade. Sozinhos não podem executá-la para nós”.<sup>24</sup>

Portanto, o objetivo maior deste trabalho não é escrever sobre as idéias de Paulo Freire e Peter McLaren, mas sim escrever com elas, a utopia de uma América mais justa, amorosa com seus homens e mulheres, ávida pela concretização da **formação de uma consciência crítica** como processo de comunicação-educação de seu povo, de homens e mulheres que vivem no chão americano, filhos de diversas e diferentes combinações étnicas, e que aspiram por melhores oportunidades numa realidade democrática em aprimoramento. Sonho este, profetizado por Paulo Freire e Peter McLaren em seus percursos de vida, de construção científica, em suas obras, experiências e depoimentos, caracterizados por um andarilhar utópico, ao se

---

<sup>24</sup> Lúcia Santaella. *A percepção: uma teoria semiótica*, São Paulo, Razão Social, 1993, p23.



manifestarem como denúncia de toda injustiça e alienação, junto com o anúncio de um mundo melhor.

Uma **consciência crítica** gerada no ventre da cultura e vivenciada na ação comunicativa, portadora do processo social e educacional. Daí, a urgente necessidade de considerar a ação comunicativa não como um processo simples e singular, mas como um processo plural e complexo, com diversos e diferentes aspectos sociais, culturais, bio-psicológicos, políticos, envolvendo interações simbólicas. Entende-se, aqui, como interação simbólica o processo de codificação e decodificação de formas simbólicas, ou seja, “produtos contextualizados e algo mais, pois elas são produtos que, em virtude de suas características estruturais, têm capacidade, e têm por objetivo, dizer alguma coisa sobre algo, baseadas em regras, recursos, etc., disponíveis ao produtor”<sup>25</sup>.

O comportamento dos seres humanos e suas diversas e diferentes relações têm sido estudadas e explicadas desde o início do conhecimento humano. Tal interesse ocorre para se tentar alcançar uma compreensão do que somos e como somos como seres humanos. Assim, faz-se necessário a todos que desejam entender mais profundamente o fenômeno comunicativo, adquirir um conhecimento teórico básico e adequado, relacionando-o, sempre que possível, à realidade cotidiana. E, aos interessados em mergulhar no processo da comunicação para descobrir e perceber seus diferentes níveis, critérios e aspectos, desvelando os principais elementos que o estruturam, é necessário despertar, também, para **uma leitura crítica de mundo**, como nos propõe Paulo Freire, tentando perceber, observar e sentir o que envolve nossos cotidianos sociais, comunicativos e culturais.

E, ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta possa prescindir da continuidade da leitura daquela, Paulo Freire aponta para as possibilidades de uma nova visão de leitura e de possíveis leituras de mundo. Propõe, num primeiro momento, uma leitura perceptiva via registro dos sentidos, uma leitura também sensorial, prática adquirida desde os primeiros anos de

---

<sup>25</sup> John B. Thompson, *Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Ed, Vozes, 1995, p.369.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

vida, com o jogo das imagens e cores, dos sons, cheiros e gostos que incitam o prazer, a busca do que agrada e a descoberta e rejeição do desagradável aos sentidos.

E, para exercer influência sobre a produção cultural, proponho ao professor de comunicação social as múltiplas visões deste processo, tentando, a partir de discussões e reflexões, desenvolver maneiras de agir e falar que estejam fora dos sistemas totalizantes do pensamento logocêntrico, pela criação de perspectivas metacríticas e relacionais conectadas ao imperativo de um projeto unificante (no sentido sartriano). Uma visão que permita a elaboração de uma linguagem não domesticada pela multiplicidade de vozes estereotipadas que já povoam seu repertório e que ocupam todo o universo da linguagem verbal, ensimesmada na mediação do real. Os educadores precisam preparar os futuros comunicadores dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias de informação, para atravessarem as fronteiras dos espaços de diferença cultural, em vez de construírem subjetividades que reafirmam o pensamento homogêneo, preconceituoso e radicalizado.

Mergulhar no processo de conscientização, proposto por Paulo Freire e McLaren, capaz de anunciar e denunciar os fatos que permeiam e estruturam o contexto social, pois os novos desafios são de caráter social, e não basicamente econômico como ocorreu na fase anterior do desenvolvimento do capitalismo. A imaginação política terá, assim, de passar para o primeiro plano. Equivoca-se quem imagina que já não existe espaço para a utopia.

E, considerando a conscientização como um processo de desvelar e revelar a realidade histórica, os seres humanos são chamados a descobrir o sentido do valor próprio, o significado de suas personalidades, o potencial para serem sujeitos e co-criadores através de seus esforços para a interação e transformação social. Deve haver, portanto, um movimento que sobreponha opiniões, crenças e informações que promovam o surgimento de uma falsa consciência, para o logos transformador do conhecimento indagador e criativo, ou seja, crítico. Movimento este que possibilite ao comunicador social uma tarefa “reveladora”, através da palavra, adotada por Freire como um instrumental para o diálogo humano como também, para a formação de uma comunidade e para a transformação social.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas se ressent, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.<sup>26</sup>

América: terra das utopias, “da esperança que depende de nossas ações a partir da desconstrução do dissenso, da sacudida da letargia, do despertar do afeto, da afirmação da autoria e da singularidade e do sentido da existência do outro”,<sup>27</sup> anuncia Peter McLaren.

América: terra das utopias, pois “o mundo não é; o mundo está sendo”,<sup>28</sup> afirma Paulo Freire em sua pedagogia sem fronteiras – um convite para transformá-lo e sonhar com a unidade na diversidade.

Espero, assim, com a pesquisa “Processo de Criação na Ciência: a pesquisa participante de Paulo Freire”, contribuir para a formação de um espaço de interamericanidade no Novo Mundo, praticando na Universidade e fora dela, a Educação e Comunicação como prática de Liberdade.

---

<sup>26</sup> Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

<sup>27</sup> Ibid, apresentação à edição brasileira.

<sup>28</sup> Moacir Gadotti. *Um legado de Esperança*, São Paulo, Cortez, 2001, p. 19.



## **Bibliografia**

APPLE, Michael e NOVOA, Antonio (org.). Paulo Freire: política e pedagogia. Porto, Porto editora, 1998.

BORDENAVE, Juan D. Além dos meios e mensagens, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p.29.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Política e Educação. São Paulo, Cortez Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortez Editora, 1992.

\_\_\_\_\_, e SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro, 1997.

GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã, São Paulo, Cortez Editora, 1997.

GOZZO, Vera M. Pistas e Conquistas, na travessia prática do processo de escritura. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 1995.

MACLAREN, Peter. Multiculturalismo Revolucionário, Porto Alegre, Artmed Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. Utopias Provisórias, Petrópolis, Editora Vozes, 1999.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MELO, José M. Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-americanos. São Paulo, Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Identidades Culturais Latino-americanas. Cátedra (Unesco Metodista):1996.

\_\_\_\_\_. Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação. Ed. Summus, 1985.

MORIN, Edgar. Método 3 . A ecologia das idéias. Porto Alegre, Ed, Sulinas, 1998.

SALLES, Cecília A. Crítica Genética: uma introdução. São Paulo, Educ, 1992.

\_\_\_\_\_. Gesto Inacabado. São Paulo, Anna Blume, 1998.

\_\_\_\_\_ Artistic Creation as a semiotic process: The esthetic lure of final causes, in Semiotica – Journal of the internacional association for semiotic studies. Editor-in-cheif Thomas A. Sebeok. New York.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo, Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_ . A percepção: Uma teoria semiótica. São Paulo, Experimento, 1993.

SAUL, Ana Maria. A formação dos educadores na cidade de São Paulo. Revista ANDE, Ano 12, no. 19, pp.63-67.

THOMPSON, John. Ideology and modern culture: critical social theory in the era of mass communication, Londres, Polity Press, 1990.

TRINDADE, Azoilda. Multiculturalismo, mil e uma faces da escola, Rio de Janeiro, DP&A editora, 1999.

\_\_\_\_\_